

TRÊS COMANDANTES DE REGIMENTO

Gen Div R1
PAULO ENÉAS F. DA SILVA

(Reedição)

I — INTRODUÇÃO

É na guerra que o Chefe demonstra as suas qualidades de líder. Sua atuação, em tempo de paz, dirigida no sentido de preparo dos homens e unidades para a luta, nem sempre permite se faça uma apreciação exata de suas possibilidades. O ambiente de paz, de conforto e de estabilidade, em que ele se vê contido, cria condições, as vezes, completamente diversas daquelas em que val viver em campanha. Na guerra, sob pressão dos acontecimentos, o Chefe tem que decidir à base de reflexos positivos, adquiridos no tempo de paz. Na opinião de ilustre militar, "na guerra faz-se o que se sabe". Há chefes que primam por ser tolerantes, mesmo em face de problemas sérios. Outros, porém, mantêm-se intransigentes, presos a certas normas verdadeiramente extravagantes. Alguns, afinal, conservam-se no meio termo, ora transigindo, ora cerceando liberdades.

Inúmeros fatos têm demonstrado que não se pode firmar um preceito único em questões de Comando. Na verdade, há regras que devem ser seguidas sob pena

de falência completa da autoridade. O temperamento, entretanto, a personalidade, enfim de cada um, fará com que o sistema de comando se adapte às suas concepções.

Já é voz corrente, entre nós, brasileiros, que a nossa formação determina inexoravelmente o tipo de líder a ser encontrado. Por questões de índole, somos avessos aos excessos. As soluções por nós adotadas primam mais pela tolerância.

Mesmo em tempo de paz, a vida daqueles que nos são entregues, precisa ser conservada. Na guerra, o sangue humano vale mais que o ouro. O responsável, pois, por êsse tesouro não poderá jamais raciocinar em termos de condescendência ou fraquezas.

Por outro lado, o sentimento de afeição não deve ser desprezado. Comandar é algo de sentir. O coração não fica alheio. Entra nos julgamentos como poder moderador. O pensamento do Chefe deve voltar-se permanentemente para a alma de seus subordinados, sondando-lhes o interior e descobrindo os motivos de suas tristezas e alegrias, para dissipar aquelas e incentivar estas.

Dentre os relatórios últimamente chegados do Extremo Oriente, uns há que, pelo realismo de suas côres e senso de oportunidade, merecem ser divulgados. É o caso de três comandantes de regimento na Coréia. Por uma questão de "segurança", chamaremos êsses coronéis de Able, Baker e Charles, respectivamente.

Os "perfis" dêsses oficiais foram traçados, cremos, para destacar suas personalidades como líderes. É interessante ver como êles se diferenciavam entre si, seja no trato com os soldados, seja com os oficiais, seja mesmo com as autoridades superiores. Cada tipo tem a sua peculiaridade. Mas todos fizeram bom comando.

II — OS TRÊS COMANDANTES

1. O Coronel ABLE

Trata-se de um homem de quarenta anos, possuidor de quase todos os cursos militares. Ainda não havia comandado regimento na guerra da Coréia. Designado para tais funções, fê-lo com pulso de ferro. Jamais deu tréguas a seus comandados, de quem exigiu sistematicamente os maiores esforços.

Sempre que a situação tática o permitia, realizava exercícios de marcha, de alerta, paradas, etc., a fim de manter sua tropa permanentemente em atividade.

As normas adotadas pelo Coronel Able eram claras e positivas. Qualquer transgressão era punida com severidade. Basta

citar um exemplo: um soldado que, inadvertidamente, havia feito disparar seu fuzil, teve que pagar 50 dólares de multa...

Considerava o melhor comandante de batalhão aquele que, permanentemente, aparentava estar zangado e muito exigente. Quem mais ferozmente conduzisse o combate captava logo as suas simpatias.

Os preceitos de respeito ao Comando eram pelo Cel. Able levados à risca. À mesa ninguém podia sentar-se sem que o Comandante do Regimento o tivesse feito. Se, por acaso, êle se demorasse além de 10 minutos, podiam os oficiais acomodar-se em seus lugares. À chegada, porém, do Coronel, todos se levantavam e somente voltavam a sentar-se com o consentimento dêle.

A palestra era normalmente encetada e conduzida pelo Coronel. Às vezes, levava-a para o campo mais cordial, sem entretanto descer à familiaridade.

Na escolha do pessoal de seu EM, preferiu sempre os mais robustos para as funções de S-1. Para as de S-2 e S-3 os mais jovens, embora não lhes desse grandes responsabilidades.

A êsse EM deu normalmente instruções muito precisas. Uma vez compreendidas não admitia réplicas.

Tudo o que se passava na unidade era de seu conhecimento. Na verdade, às vezes sua influência era aparente. Jamais exigiu de seus homens aquilo que êle próprio não pudesse fazer. Dava sempre o exemplo.

Certa vez, foi condecorado pelo Comandante da Divisão a qual pertencia seu regimento. Lamentou profundamente o fato. À seu modo de ver nada fizera por merecer essa distinção. Esse prêmio exacerbou ainda mais a sua ojeriza às medalhas.

As instruções e ordens emanadas do escalão superior sempre tiveram de sua parte o maior acatamento, embora às vezes criticasse o Comandante da Divisão. Seu pensamento estava sempre voltado para o espírito combativo da tropa, para que outra não a sobrepujasse.

Nenhum outro regimento combateu tanto na Coréia e nem teve tantas baixas. Uma ocasião, o regimento chegou a ter reduzido, em uma semana, os 50% do efetivo. Re completado, porém, voltou à mesma eficiência no combate.

Os homens dessa unidade manifestavam profunda antipatia pelo seu comandante. Mas, diante dos êxitos obtidos, passaram a respeitá-lo.

Apelidaram o regimento de "Máquina Infernal". Os soldados julgavam que os excessivos exercícios a que eram submetidos, muito embora a aptidão de todos fôsse evidente, constituía extravagância do Coronel. Tinham mesmo a impressão de que, se preciso fôsse, êle os sacrificaria a todos, inclusive êle, o Comandante.

Os feridos em combate, ao serem recuperados, preferiram sempre voltar à luta, batendo-se para integrarem novamente o mesmo regimento.

Jamais qualquer soldado ou oficial teve medo de combater. Viviam mesmo pensando na luta. Discutiam alegremente as perdas sofridas, de que muito se orgulhavam. O fato de um batalhão ter perdido uma companhia inteira, era motivo de satisfação entre êles.

2. O Coronel BAKER

Homem de cinquenta anos, já havia comandado regimento na Segunda Grande Guerra e assim foi mantido para a luta na Coréia. Enfrentou duros combates.

Na unidade sob seu comando, era êle o único a decidir. Chegou mesmo a comandar companhia e pelotões na ação. Esqueceu-se, com freqüência, de que em seu regimento, havia um EM que, apesar dêsse descaso, serviu-o e bem.

Quando o Coronel tomava uma decisão, ditava logo após as suas ordens e dava pouco tempo para a execução das mesmas. Só raramente usou ordens preparatórias.

O Cel Baker sempre viu com má vontade as unidades especiais. Os "rangers", por exemplo, as tropas pára-quedistas e outras, na sua opinião, eram "grandes complicações".

Seu espírito era profundamente crítico. Sempre encontrou erros.

Até nos QG das altas autoridades apontava senões. Mas jamais admitiu que se dissesse havia irregularidades em suas tropas.

Êle as considerava as melhores na Coréia.

Vivia estimulando a competição entre seus batalhões. Criava oportunidades para isso. Jogava uns contra os outros ao dar tarefas às frações de sua unidade.

Na escolha dos elementos de seu EM preferiu, também, como o Cel Able, os mais robustos para S-1.

Raramente o EM discordou de suas opiniões. O Coronel controlava tudo. As listas de rodízio eram por ele guardadas.

Com relação às punições, tinha lá os seus modos de ver. Frequentemente acrescentava outra punição àquela dada por seus subordinados.

Se se tratasse de oficiais, era muito mais severo. Cometida a falta, conservava o oficial sob custódia por muito tempo. E até que êle, por atos e não por simples palavras, provasse ter agido inadvertidamente, ainda conservava-o ao seu alcance.

O Cel Baker orgulhava-se de sua tropa. Quando chegava pessoal para os recompletamentos necessários, gostava de reunir os recém-chegados para lhes falar acêrca da unidade e das tarefas que os esperavam.

Conhecia as organizações militares como ninguém. Não havia para êle segredos no que respeita ao armamento da infantaria e às táticas a empregar. Sempre demonstrou perfeito sangue frio, mesmo nas horas mais amargas.

Em seu regimento houve crises indiscutivelmente. A confusão era natural, mas, apesar disso, trabalhava-se febrilmente. Os oficiais e praças tudo faziam por

merecer a confiança do Chefe. Agiam mais para agradá-lo do que, pròpriamente, para o bem da unidade.

Todos se esforçavam, embora reconhecessem que o Coronel agia um tanto em demasia. Frequentemente perguntavam: "quando sairemos dessa agonia?" Alguns mesmo adiantavam: "por que não trocam de comando?"

Tendo tomado parte em duros combates, o regimento comportou-se bravamente, muito embora nem sempre os seus homens tivessem tido desejo de lutar.

3. O Coronel CHARLES

Andava pelos quarenta anos. Na Segunda Grande Guerra, comandara regimento e foi novamente mantido à testa dessa unidade na guerra da Coréia, por muitos meses.

Suas ordens eram dadas vagarosamente. Isso não importava em que não fôsem bem cumpridas. Sempre deu muita iniciativa a seus oficiais e EM. Sòmente interferia quando achava algo errado ou sua responsabilidade direta estava em jôgo.

Julgava que a tropa devia estar sempre em atividade. Para isso, sempre que a situação permitia, realizava exercícios de ordem unida, de marcha, de combate, etc. Apesar disso, era de opinião que o descanso era imprescindível. Proporcionou distração permanente à sua tropa. Organizou shows interessantes pelo menos duas vêzes na semana. Apreciava bastante os esportes.

Mantinha-se geralmente reservado. Era camarada de sua gente, mas não descia à familiaridade. Durante as refeições, discutia com seus oficiais. Demonstrou confiança nêles. Para seus S-1 escolheu também os mais robustos.

O regimento do Cel Charles parecia que, mesmo sem o chefe, continuaria a agir bem. Todos tinham orgulho em pertencer à unidade. Afirmavam até que eram os melhores da Coréia. Jamais se viram esgotados pelos combates travados e, note-se, enfrentaram duras pelejas.

Os feridos, muitas vezes, instavam em não ser evacuados. Preferiam ficar na área da unidade. As baixas foram sempre ligeiras. Na verdade, os homens gostavam mais da defensiva...

No que respeita a certos gêneros de instrução, a unidade andava um tanto atrasada. Por exemplo: o movimento motorizado. A característica fundamental dessa unidade era o seu espírito de corpo. Mesmo depois do Coronel ter sido transferido, continuou a trabalhar bem.

III — CONCLUSÕES

Houve três comandantes de regimento perfeitamente distintos.

Cada um imprimiu nitidamente o seu feito à unidade. Um era exigente e rígido; outro, experimentado e crítico; o terceiro, afinal, moderado mas firme. E os regimentos? todos combatiam bem. Sofreram baixas, umas pesadas, outras leves, mas, uma vez re-completados, reintegravam-se na eficiência combativa.

Oficiais e soldados sofreram as conseqüências inevitáveis de cada um dos chefes apontados. Num regimento, via-se o medo do comandante e todos faziam por agradá-lo; noutro, o respeito baseado na desenvoltura de sua capacidade de comandar; no terceiro, finalmente, um sentimento de camaradagem, algo de indiferença, mas que não prejudicou o valor da tropa.

Como denominador comum às três unidades, vemos o orgulho pela organização. Este sentimento existiu apesar das incompreensões. A solidariedade foi mantida, num, por meio de pulso de ferro; noutro, pelo respeito à pessoa do comando e no último pela amizade, quem sabe.

As formas diferentes de comandar, dêsses três coronéis, dizem bem do temperamento de cada um. Elas foram uma conseqüência, também, de suas personalidades.